

“TUDO O QUE SABEMOS, SABEMO-LO ENTRE TODOS” “AQUELA SEGUNDA OPORTUNIDADE SOBRE A TERRA” - algumas palavras para não faltar completamente*¹

Jesús Martín-Barbero

Universidad Nacional de Colombia, Colômbia

Resumo: A presente intervenção, originalmente destinada à abertura do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais – Colonialismos, Pós-colonialismos e Lusofonias, procura sublinhar o que entendemos por descolonizar o pensamento instabilizando o que julgamos já saber sobre as nossas próprias culturas, sublinhando o quanto as novas tecnologias, agora apropriadas por grupos de cidadãos subalternos podem construir uma contra-hegemonia global. Nesta breve reflexão, aprofunda-se a ideia de que o hipertexto configura hoje a possibilidade de uma ‘brecha cognitiva’ que deslocaliza a centralidade dos saberes e contribui para ultrapassar o que, desde há dois séculos a esta parte, tem sido no Ocidente o monoteísmo racionalista do cientificismo e o mercantilismo que o rentabiliza.

Palavras-chave: Colonialismo; pós-colonialismo; globalização; cidadania; hegemonia.

Trata-se, assim, de instabilizar a uniformidade, mas também as diferenças instituídas, que frequentemente não são mais do que um novo género de cânone integrador e dissolvente da diferença. Por outro lado, não podemos deixar de praticar uma atitude vigilante, de cuidado e suspeição, em face do discurso sobre a diferença irreduzível, que pode tornar-se (como no passado) na estéril celebração do exótico. Fazer com que a diferença instabilize o que oficialmente se encontra canonizado como ‘diferença dentro do cânone’, implica negociar e re-inscrever identidades sem inverter dualismos.

(excerto da apresentação do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais)

Como nunca antes, as nossas culturas, das indígenas às locais, às regionais, e sobretudo às nacionais, vêm-se expostas hoje às outras culturas, às restantes culturas do mundo. Isto está a intensificar os contactos, os intercâmbios e também os conflitos. Pois, até as comunidades nómadas da Amazónia — que evitam de forma manifestamente violenta o seu encontro com os outros — encontram-se frequentemente hoje com esses nómadas modernos que praticam o turismo ecológico. Isto reafirma o que nos têm vindo a apresentar tanto Milton Santos como Boaventura de Sousa Santos, ao referir que *a globalização não é um puro avatar da economia e do mercado*, pois os seus

*Tradução: Maria Elena Ortiz

Revisão: Maria Manuel Baptista

¹ Texto de abertura do IV Congresso Internacional em Estudos Culturais – Colonialismos, Pós-colonialismos e Lusofonias, 28-30 de abril, Aveiro, Portugal.

movimentos e deslocamentos contêm tanto de *perversidade* como de *possibilidade*, convertendo-se num paradoxo cuja vertigem ameaça paralisar tanto o pensamento como a ação capaz de transformar o seu curso. E aí é aonde se localiza, oportunissimamente, a proposta que guia este Congresso Internacional em Aveiro: *descolonizar o pensamento instabilizando o que julgamos já saber sobre as nossas próprias culturas*.

Pois, se de um lado, a globalização *trabalha* o processo avassalador do mercado aprofundando a *perversidade sistémica* que implica e produz o aumento da pobreza e a desigualdade, do desemprego já crónico, ou de doenças que, como a SIDA, se tornam em epidemias devastadoras nos continentes mais atingidos; de outro lado, a globalização representa também um conjunto extraordinário de *possibilidades* que se apoiam em factos radicalmente novos entre os quais sobressaem dois: um, a enorme e densa mistura de povos, raças, culturas e gostos que — embora com grandes diferenças e assimetrias — se estão a produzir em todos os continentes, fazendo emergir, com muita força, outras cosmovisões que põem em crise a hegemonia do racionalismo ocidental; e o outro, as novas tecnologias que estão a ser crescentemente apropriadas por grupos de sectores subalternos possibilitando-lhes uma verdadeira “vingança sociocultural”, isto é, a construção de uma contra-hegemonia ao longo e ao largo de todo o mundo.

E tendo-se apoderado dessa convicção e dessas transformações — que não são só técnicas mas também socioculturais e políticas — muitas comunidades silenciosas até ontem têm começado a *transformar as suas experiências em relatos* que — como observou Gabriel García Márquez no seu discurso do Nobel — abrem o caminho a “uma segunda oportunidade” para os que viveram cem anos de solidão. Essa oportunidade encontra-se ligada à nova possibilidade de convergência entre as oralidades e memórias culturais das maiorias com as novas hipertextualidades. Por sua vez, essa nova convergência começou a desgastar o poder dos gestores da *cidade letrada* que continuam entrincheirados no seu didactismo autoritário e cada dia desconfiam mais das mediações performativas que mobilizam hoje as novas cidadanias. Dois, a deslocalização e disseminação dos “tradicionalmente modernos” circuitos do conhecimento, que estão a possibilitar os novos modos de produção e circulação de linguagens, as novas escritas e as narrativas trans-mediáticas, que emergem através da tecnicidade digital. Estamos assim perante um novo cenário cultural e político que pode ser estratégico, primeiro para a transformação dos sistemas educativos excludentes não só quantitativa, senão sobretudo qualitativamente, e profundamente

anacrónicos em relação às mutações que atravessam as sensorialidades adolescentes e as culturas quotidianas dos jovens.

No seu livro póstumo — *Por uma outra globalização* — que tive a alegria de fazer traduzir para o castelhano e publicar pelo Convénio Andrés Bello em Bogotá, Milton Santos assinala-nos que a peculiaridade da *crise* que atravessa o capitalismo reside no *entrechoque contínuo dos factores de mudança* que agora excedem as velhas gradações e formas de mensuração, ultrapassando territórios, países e continentes. Trata-se de um entrechoque que *reintroduz a centralidade da periferia*, não só no plano dos países, como também do social marginalizado pela economia e agora recentrado como “a nova base na afirmação do reino da política”.

A isso aludia também a velha sabedoria popular que *Juan de Mairena* põe na boca de um camponês andaluz: “tudo o que sabemos, sabemo-lo entre todos”. E não é essa a melhor definição da “inteligência colectiva” que emerge nos modos colaborativos de produzir conhecimento que incentivam as redes digitais, e cuja chave se encontra no diálogo de saberes até agora ferreamente separados, nos *saberes partilhados* apesar das exclusões que continuam a alimentar tanto o mercado como as hierarquias académicas? O que as tecnologias digitais estão a descobrir é que a verdadeira brecha não é a técnica, mas antes a “brecha cognitiva”, essa que desvela a cumplicidade mantida desde há mais de dois séculos entre o monoteísmo racionalista do cientificismo e o mercantilismo que a rentabiliza.

Temos o direito de esperar para os nossos países “aquela segunda oportunidade sobre a terra” que invocara García Márquez, no seu discurso do Nobel, como o direito das gentes que têm sofrido cem anos de solidão. Pois ao deslocalizar os saberes, e transtornar as velhas, mas ainda prepotentes, hierarquias, o *palimpsesto* das múltiplas memórias culturais da gente comum pode libertariamente apoderar-se do *hipertexto*, no qual se entrecruzam e interactuam leitura e escrita, saberes e fazeres, artes e ciências, paixão estética e ação cidadã.

Jesús Martín-Barbero é investigador associado do CES, Centro de Estudios Sociales da Universidad Nacional de Colômbia, em Bogotá, e Professor do Doctorado en Ciencias Humanas y Sociales dessa Universidade.